

A METODOLOGIA DE ENSINO PARA ALÉM DO LIVRO DIDÁTICO: OUTRAS ABORDAGENS EDUCACIONAIS DENTRO DE SALA DE AULA

Letícia Chokr Rodrigues (UEL)

RESUMO: O material didático é parte do cotidiano escolar, guiando as aulas e auxiliando os professores. Essa relação foi historicamente construída e, em muitos casos, resultou em dependência do docente para com o material didático. No entanto, a pergunta que levou a essa pesquisa surgiu quando a pesquisadora se deparou com a ausência de um material didático condutor: o que acontece quando uma escola não possui um material didático a ser seguido e, portanto, o professor necessita de estratégias metodológicas para encontrar a melhor forma de conduzir a aula? O presente trabalho visa apresentar os resultados do estágio em disciplinas do campo da Língua Portuguesa. Para tal, a discussão é embasada pelo pensamento de Dionísio (2001), Rojo (2003) e Lajolo (1996). Como resultado, busca-se entender as abordagens e dificuldades que as professoras encontram na elaboração das aulas, bem como quais metodologias são aplicáveis a todas as turmas e quais precisam ser adaptadas visando as diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: material didático; metodologias ativas; estágio.

Introdução

O presente trabalho visa compartilhar os resultados da experiência de estágio obrigatório em uma escola particular de Londrina, no Paraná, durante o quarto ano do curso de Letras Vernáculas na Universidade Estadual de Londrina, em 2024. Durante os meses de março e abril, o estágio acompanhou três turmas de primeiro ano do ensino médio.

O objetivo de observação consistiu em averiguar o ensino de Língua Portuguesa sem o uso das apostilas como base de material didático, investigando as diferentes formas metodológicas de conduzir o ensino.

Ao pensar sobre o ensino de Língua Portuguesa, o senso comum imediatamente assimila grandes apostilas carregadas dos mais variados textos, exercícios de interpretação e campos de atividades gramaticais. Esses materiais, no entanto, nem sempre foram assim. Em uma perspectiva histórica, “Até a década de 1940, o ensino de Língua Portuguesa consistia na gramática da língua e na análise de textos de autores consagrados.” (Dionísio, 2001, p. 82).

É só na década de 1950 que os materiais utilizados no ensino da língua são alterados e substituídos por um único livro que apresentava, além dos textos, atividades para serem realizadas. “Agora, em lugar das obras de referência como antologias, seletas e gramáticas,

cria-se um novo tipo de material didático de apoio à prática docente que, propositalmente, interfere na autonomia do professorado.” (Bunzen; Rojo, 2003, p. 78-79). A partir desse momento, o livro toma para si a responsabilidade de propor os exercícios e cabe aos professores a responsabilidade de planejarem o ensino a partir do que já foi apresentado.

Para Lajolo, “Didático, então, é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática.” (1996, p. 4). No ensino, o livro passou a ser um instrumento fundamental dentro de sala de aula, mas engana-se quem pressupõe que o material didático contribui apenas para a formação do estudante. O professor também se apropria do livro como um instrumento contribuinte para seu desempenho, por isso, durante a experiência de estágio, observou-se então: como conduzir uma aula quando a apostila não é o material didático utilizado em sala de aula?

1 A apostila didática ao longo dos anos

Como previamente mencionado, o ensino de Língua Portuguesa no Brasil consistia, em primeira instância, em aulas conduzidas por detentores de conhecimento como médicos, advogados e outros profissionais, que guiavam suas aulas a partir do ensino da gramática e da análise de textos (Dionísio, 2001). O material utilizado eram antologias escritas por eles, que eram “autodidatas da língua e de sua literatura, com sólida formação humanística, que, a par de suas atividades profissionais [...] e do exercício de cargos públicos, que quase sempre detinham, dedicavam-se também ao ensino” (Soares, 2001, p. 214 apud Bunzen; Rojo, 2003, p. 76).

Na atualidade, a apostila didática é aquela que é pensada para ser usada dentro de salas de aulas e cursos. Para ser considerado material didático, o objeto a ser utilizado precisa ter como objetivo apoiar sistematicamente as atividades pedagógicas, uma vez que tem como plano transmitir conhecimento atrelado ao aprendizado e conteúdo programático pelo docente e pela escola. No entanto, ao apoiar-se exclusivamente na apostila didática, o docente acaba transmitindo para os autores dos livros didáticos o papel de atores decisivos na construção de conhecimento a ser ensinado para os alunos. (Bunzen, Rojo, 2003).

Esse material pode gerar reflexões acerca do seu uso. Por um lado, pode-se trazer a reflexão “sobre o material didático sob o prisma do trabalho docente, procurando

compreendê-lo como um artefato disponível no meio de trabalho e que pode dar origem a algumas das ações dos professores” (Lousada, 2015, p. 65). O livro didático, por muitas vezes, se materializa na sala de aula como principal objeto do professor e única referência do aluno. Por isso, para Lajolo (1996), o livro didático se divide em dois leitores diferentes: o professor e o aluno. É com isso em mente que se torna necessário pensar em um livro que se adeque para um e para outro (p. 5) e muitas vezes essa adequação pode ser feita de maneira genérica.

O livro didático e consequentemente o manual do professor, livro utilizado pelo docente o qual apresenta orientações didáticas ao docente e em que todas as respostas já estão previamente preenchidas, precisam ser “mais do que um exemplar que se distingue dos outros por conter a resolução dos exercícios propostos.” (Idem). No entanto, apesar de ser instrumento considerado fundamental dentro de sala de aula, ele não pode assumir o papel de principal formador do estudante. É necessário que o professor apresente, a todo momento, conhecimento superior ao apresentado pelo livro, pois ele, através da formação universitária e de seus saberes profissionais, é a figura detentora do conhecimento que precisa ser mediado junto ao ao estudante.

Ademais, com as constantes mudanças, o livro precisa estar sempre preparado para atender novas demandas, o que nem sempre é tão fácil. Com novos estudos sobre a língua, oralidade, letramento e textualidade, torna-se necessário um aprofundamento que cabe ao professor através de materiais didáticos fora da apostila. Didático, portanto, é todo e qualquer recurso que pode ser usado dentro do procedimento de sala de aula, no qual o objetivo a ser atingido é aproximar o aluno do conteúdo estudado.

2 A abordagem educacional sem apostila didática

A escola na qual o estágio foi realizado dispõe de uma metodologia que não utiliza apostilas didáticas como material de sala de aula. Para isso, os estudantes se apropriam de conteúdos trazidos e planejados pela docente, que elabora todo o material antes da aula, conforme explicado em entrevista concedida oralmente na última semana de estágio, na qual ela respondeu questionamentos acerca de planejamento de aula, metodologia utilizada e eventuais dúvidas, que não será disponibilizada na íntegra.

Para ela, a ausência da apostila didática é sentida dependendo do momento. Quando o planejamento está seguindo o curso sem problemas, essa ausência não é sentida. Essa forma

de planejar as aulas sem ter uma base de apoio pode ser tanto benéfica quanto complicada na opinião da professora. Na entrevista concedida, a docente foi questionada sobre a opinião dela em relação a não ter uma apostila para ser seguida. Para ela,

Em linhas gerais, quando você precisa às vezes de uma coisa rápida, um guia rápido, até pela rotina do dia a dia, né? Você quer achar um exercício para determinado assunto, você ter uma apostila às vezes facilita. Mas, em linhas gerais, quando você não tem isso, você consegue ter mais liberdade para trabalhar da forma que você acredita na turma, né? Pensa ser necessário para aquela turma, então as duas coisas.³

Ao longo das aulas, atividades variadas são propostas. Os alunos do primeiro ano receberam no início do ano letivo um notebook que pode ser utilizado dentro de sala de aula em momentos específicos. É através do computador que eles acessam o programa Teams, da Microsoft, no qual um canal de transmissão é constantemente atualizado com listas de exercícios, slides das aulas e propostas de redação. A comunicação da sala com a docente fora do horário de aula é realizada por aquele canal.

O conteúdo é apresentado através de slides colocados na lousa digital da sala. Apesar do incentivo de tecnologias em sala, os alunos precisam copiar as atividades no caderno e as redações são feitas à mão. Em uma geração de acesso fácil à internet e aos aplicativos de inteligência artificial, um colégio que incentiva o uso de tecnologias precisa de precauções quanto ao uso delas em sala. É por isso que a docente estipulou os limites do uso do computador em sala (celulares não podem ser consultados).

Graças a metodologia do colégio, os alunos são divididos em equipes de até cinco alunos, que serão utilizadas em todas as disciplinas durante todo o trimestre. Esse contato direto com os colegas permite que os estudantes criem vínculos emocionais e estudantis, colaborando com o processo educacional deles. Na realização de atividades, sob orientação e supervisão da professora, os alunos eram autorizados a fazer pesquisas nos computadores. O adicional de se sentarem em equipes contribuía positivamente para os resultados, uma vez que várias fontes eram consultadas simultaneamente, o que gerava debate entre os estudantes. A ausência de uma apostila e, conseqüentemente, de um único material didático como fonte de consulta contribuía para que os estudantes fossem realmente atrás de respostas, lendo fontes diversas, consultando sites e artigos e discutindo em busca de uma resposta. No momento de

³ Entrevista concedida para Letícia Chokr Rodrigues pela docente de Língua Portuguesa da instituição na qual o estágio aconteceu.

debate e compartilhamento de respostas durante a correção, os estudantes dividiam os resultados das pesquisas com o restante da turma.

Para Lajolo (1996), “a expectativa do livro didático é que, a partir dos textos informativos, das ilustrações, diagramas e tabelas, seja possível a resolução dos exercícios e atividades cuja realização deve favorecer a aprendizagem.” (p. 5) No entanto, depois de observar, durante dois meses, as aulas que se conduziram sem um livro didático, foi constatado que o livro didático não é um material essencial dentro da sala de aula, mas sim o *material didático*, que se manifesta através de qualquer material levado para a sala de aula cujo objetivo seja pedagógico-metodológico. O material didático não se restringe somente às listas de exercícios nem aos slides. Ele também se manifesta nos filmes que são passados, nas músicas levadas, nos livros lidos e até mesmo nos debates fomentados em sala.

3 Considerações teóricas e práticas sobre o relato de estágio

Durante a observação, o foco era analisar o comportamento dos alunos perante a metodologia, bem como analisar a forma que a docente planejava e executava os conteúdos programáticos. Nas primeiras aulas, o foco das aulas era a conclusão do conteúdo de gramática (numerais e artigos), portanto, as atividades aconteciam através de slides feitos pela professora e projetados na lousa digital. Essa abordagem é utilizada nas três turmas de primeiro ano, mas os resultados podem ser observados de forma diferente. Para a docente,

o conteúdo é igual, mas os exercícios, a expectativa de finalização, quanto tempo vai levar a atividade, é diferente. Tem uma atividade que, no primeiro A, eu levaria menos tempo, no primeiro B, eu levaria mais tempo. As vezes eu tiro atividades que eles ficam mais agitados, então tem que ver o que compensa ou não.⁴

Essa forma de análise do desenvolvimento da aula entre as salas torna-se ainda mais perceptível em um contexto de produção de atividade que pode ir se adequando para todas as salas, em que não há uma apostila a ser seguida sistematicamente. Na experiência do estágio, algumas vezes, as salas A e B se contrapunham em determinadas atividades, mas se assemelhavam em outras. Na parte prática, de ensaio das cantigas que seriam apresentadas no final do trimestre como trabalho avaliativo, as três salas se comprometeram ativamente com a

⁴ Entrevista concedida para Letícia Chokr Rodrigues pela docente de Língua Portuguesa da instituição na qual o estágio aconteceu.

elaboração da cantiga, bem como com a apresentação, e os resultados foram acima do esperado.

Em aulas de produção de texto, pode-se observar que os alunos ficavam um pouco mais calmos, cada um em seu canto, pelo acordo que tinha sido feito com a docente. Já nas aulas de gramática ou nas que envolviam atividades que demandavam silêncio e concentração, nem sempre o resultado obtido era o esperado, uma vez que cada sala tinha sua particularidade (uma delas era calma, a outra mais agitada e a terceira equilibrava-se bem). Dessa forma, a docente sabia quanto tempo era realmente necessário para a resolução das atividades e quanto tempo estava sendo gasto pelos alunos. Essa observação, aos poucos, foi tornando-se comum para mim também.

O ensino sem apostila possibilitou uma particularização de cada estudante e as necessidades individuais foram reconhecidas com mais facilidade. Sem a necessidade de cumprir um mesmo material didático, as aulas podem ser adaptadas para acompanhar os alunos. O mesmo vale para as salas — esse processo permitiu que analisássemos as diferenças de um primeiro ano para o outro. Com isso, tornou-se possível adaptar as aulas para atender o ritmo de cada sala.

Nas regências, atentei-me ao plano de aula da docente e segui com as aulas de produção de texto. Revisamos os conceitos do texto dissertativo-argumentativo, explorando as particularidades do tema, o que é cabível dentro do gênero e o que não era, trabalhamos com redações nota 1000 disponibilizadas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e fizemos propostas de redação. Ao longo do estágio, trabalhamos com cinco temas diferentes, que eram feitos durante as aulas de produção e corrigidos pela docente e pela estagiária. Os alunos recebiam um retorno com marcações sobre o que precisava ser melhorado, o que estava ótimo e anotações que considerávamos importantes, assim, eles já sabiam no que precisavam melhorar na redação seguinte.

Todas as propostas foram tiradas de sites especializados em propostas de redações que podem ser abordadas no ENEM e a docente escolhia temas que fossem mais gerais e que não envolvessem grande arcabouço teórico para o argumento. Durante uma das aulas de produção, ela explicou que, a princípio, gostaria que os estudantes dominassem o tema, a estrutura e as particularidades antes de avançarem para teorias e referenciais que poderiam ser posteriormente usados. Quando questionada sobre a razão, ela explicou que o início do primeiro ano ainda é introdutório e que por isso é necessário ir com calma. Apresentando

temas como “A importância da valorização do trabalho informal”, os alunos poderiam exercer sua capacidade de argumentação e escrita e nós poderíamos investigar os argumentos utilizados com mais facilidade antes de propor temas mais difíceis e que eram cabíveis referenciais mais elaborados.

Nas aulas de Literatura, além de uma grande revisão sobre o conteúdo estudado (cantigas) através dos slides preparados pela docente, passamos algumas aulas ensaiando para a apresentação do trabalho. Nessas aulas, revisávamos conceitos de cantigas e trabalhávamos juntos para a elaboração. Cada equipe ficou responsável por escrever uma cantiga a respeito de algum problema social do período da Idade Média, uma vez que o trabalho era interdisciplinar com Sociologia.

Por fim, na última regência, na aula de Produção Textual, pudemos trabalhar um conteúdo livre da obrigatoriedade do gênero dissertativo-argumentativo, mas que estava adequado ao plano de trabalho da docente. Para tanto, a escolha do gênero Escrita Criativa foi proposta e a partir disso as atividades foram elaboradas.

A atividade do dia foi realizada em duas partes: na primeira, cada aluno, individualmente, deveria escrever uma lista de palavras no caderno. Eles tinham dois minutos para realizar a dinâmica das listas e deixar a cabeça fluir livremente. Ao fim da atividade, os alunos que quiseram compartilharam os resultados das palavras apresentadas e logo em seguida, nas equipes, eles precisavam escolher duas palavras de cada lista para compor um conto. O resultado foi mais do que positivo e encerramos um período de estágio em grande estilo com uma atividade mais livre e que fez a sala inteira interagir.

A conclusão tirada a partir disso é que, apesar de as apostilas didáticas facilitarem o processo de ensino (fato observado no estágio do ano anterior), a liberdade de se trabalhar da forma que a docente quer é ainda mais espetacular. Apesar de mais trabalhosa, uma vez que é necessário planejar slides e atividades para todas as aulas, o processo flui mais naturalmente e os alunos não demonstram sentir falta da apostila. Pelo contrário, traçando um comparativo entre ambas as experiências de estágio, foi possível notar que o resultado observado no ensino médio foi ainda mais satisfatório.

Considerações finais

Após refletir sobre o que é o estágio, pude perceber que ele é possibilidade. Não só de viver a docência, mas de se encantar pela prática, atividade tão diferente de toda a teoria

universitária. Na questão da sala de aula, ficou claro que vivenciar essa prática tão ativamente é fundamental para a formação profissional, uma vez que os futuros profissionais têm acesso direto a quem vive a realidade da escola diariamente e são instrumentos necessários de ensino da prática. É o momento em que os estudantes universitários têm a chance de ver todos os ensinamentos dos quatro anos sendo colocados em prática — as aulas de metodologia ganham significado ainda maior, o uso da didática se torna ainda mais necessário, os conteúdos literários e gramaticais são finalmente aplicados no uso — e os futuros professores têm a chance viver a docência.

Quanto à observação acerca do uso da apostila didática, ficou claro que, apesar de facilitadora no processo educacional, afinal, a praticidade de já ter exercícios escolhidos é maior, o uso dela não é obrigatório. Um bom professor conhece uma infinidade de materiais didáticos que podem ser levados para dentro da sala de aula e uma aula bem planejada não necessita de uma apostila a ser seguida. Slides bem-feitos, atividades bem preparadas e conteúdos bem selecionados, somados a uma aula bem dada, são os instrumentos necessários para a composição de uma aula. Além dos resultados que envolvem planejamento, esse processo possibilitou uma relação de proximidade ainda maior com as turmas. A aula se torna mais dinâmica, os estudantes mais receptivos às novas atividades e o docente se transforma a cada aula.

As apostilas podem servir de grande potencializadora educacional contribuindo fortemente para o desenvolvimento de uma aula. No entanto, tornou-se claro que elas não são o único instrumento para a condução do processo-aprendizagem. As aulas desenvolvidas sem a apostila se mostraram benéficas da sua maneira, uma vez que permitiram um contato maior com os estudantes e suas particularidades. A contribuição feita pelos materiais didáticos levados pela docente substituíram as apostilas com maestria e o estágio provou-se completo com essa percepção de ensino diferente do tradicional.

REFERÊNCIAS

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MUNAKATA, Kazumi; RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. **O livro didático e a formação de professores**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

FREITAS, Olga. **Equipamentos e materiais didáticos**. / Olga Freitas. – Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 132 p. ISBN: 978-85-230-0979-3.

LAJOLO, Marisa. **Livro didático: um (quase) manual de usuário.** Em aberto, v. 16, n. 69, 1996.

LOUSADA, Eliane G. Das prescrições oficiais ao livro didático: uma reflexão sobre o processo de elaboração de material didático de português. **Livro didático de português: políticas, produções e ensino.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto. (2003). Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 320 p. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 17, n. 2, p. 307-319, 2004.